

O JORNAL DAS SENHORAS, UM PROJETO PEDAGÓGICO: MULHER, EDUCAÇÃO, MATERNIDADE E CORPO (RIO DE JANEIRO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX)

JOELMA VARÃO LIMA*

Esta pesquisa histórica busca questionar as mudanças e permanências na história das mulheres e das relações de gênero na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro. O objeto de estudo é a imprensa feminina de meados do século XIX, especificamente o periódico *O Jornal das Senhoras*, que se constitui na fonte histórica principal da análise, sendo este um estudo de gênero que se propõe a resgatar a trajetória das mulheres de elite do século XIX, na Corte do Brasil Imperial. Procura-se alcançar:

Uma compreensão da realidade da linguagem, que, como consciência prática, está saturada por toda uma atividade social e satura inclusive, a atividade produtiva. [...] a linguagem é a articulação dessa experiência ativa em transformação, uma presença social e dinâmica no mundo.¹

Questiona-se como se deu essa “experiência ativa” no caso das mulheres envolvidas com *O Jornal das Senhoras* e, além disso, como se deu sua “presença social e dinâmica” no mundo da Corte Imperial no século XIX, numa sociedade assentada na economia agroexportadora de café e inserida no processo de urbanização do Rio de Janeiro.

Reflete-se sobre o público de leitoras do periódico daquele instante histórico como sujeitos ativos que construíam uma relação dialógica com os artigos de jornais e folhetins, analisando-se inclusive as cartas das leitoras publicadas no jornal.

Desta forma compreende-se a circularidade: imprensa e leitores. As várias maneiras de ler e compreender, o que acaba por produzir usos e significações diferenciadas.²

Esse periódico foi o primeiro jornal escrito por mulheres direcionado ao público feminino. Possuía seções de Moda, Belas Artes, Teatro, Crítica, Música e Folhetins.

O jornal teve três redatoras-chefes durante os três anos em que circulou na Corte. No primeiro ano foi redatora Joana Paula Manso de Noronha. Ainda em 1852 Joana Paula deixou a editoria do periódico para Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco, viúva de João Boaventura. Dona Violante também deixou o jornal, assim como Joana, por motivos pessoais e financeiros. Dona Gervásia Neves foi a última redatora – ficou na direção do periódico de 1853 a 1855.

Havia muitas dificuldades para manter um periódico nesse período histórico. O público era restrito, pois a maioria da população era analfabeta – embora um leitor pudesse ler para o outro –, além do alto custo para confeccionar um jornal, já que a produção exigia maquinário importado e mão de obra qualificada.

Além d'O *Jornal das Senhoras* havia, em meados do século XIX, outros periódicos destinados ao público feminino. Essas importantes obras foram consultadas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, desde 2006 – atualmente, encontram-se em microfilmes, que foram digitalizados.

Esta pesquisa parte da discussão sobre gênero inserida na produção historiográfica, que desde a década de 1970 privilegiou o trabalho das mulheres, especialmente o trabalho fabril. Há uma maior visibilidade do trabalho por ser importante para a sobrevivência, ocupando a maior parte da vida cotidiana, e por sua relevância nas reivindicações feministas.

Já nos anos 80, a produção historiográfica brasileira sobre as mulheres foi marcada pela diversidade das abordagens e dos aspectos questionados. Na

temática do trabalho feminino foram resgatados o cotidiano fabril, as lutas e as greves, as variadas estratégias e resistências criadas e recriadas pelas mulheres na sua rotina diária, além da sua capacidade de encontrar brechas nas incoerências e inconsistências dos sistemas sociopolíticos para dar visibilidade à sua expressão e sobrevivência.

Na produção historiográfica recente poderes e lutas femininas foram resgatados, mitos foram analisados e novas leituras foram feitas dos estereótipos, sendo estes repensados. No bojo de várias correntes de interpretações historiográficas, recuperou-se a atuação das mulheres no processo histórico enquanto sujeitos ativos, questionando-se as imagens de pacificidade, ociosidade e confinamento no lar, o que revelou as esferas de influência da mulher e resgatou seus testemunhos.³

Na perspectiva do gênero, as diferenças e os preconceitos presentes na história da humanidade não são naturais, mas sociais e históricos, e, assim, o estudo das diversidades sociais entre os sexos masculino e feminino se constitui numa das inquietações presentes em diferentes épocas, questão marcada por aberturas e incertezas vivenciadas em desigualdades, culpas, preconceitos e violências.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são portanto, uma forma primária de relações significantes de poder.⁴

Nesse sentido, a intenção deste estudo é questionar os intrincados mecanismos que, no século XIX, possibilitaram às mulheres de elite ampliar sua vida social e seu acesso à educação, passando elas a possuírem conhecimentos de puericultura e refinamento social. Busca-se evidenciar ainda que foi também no século XIX que se vislumbrou a importância da mulher como rainha do lar, se destacando as potencialidades femininas no espaço privado em oposição ao espaço público, considerado território masculino por direito, segundo o positivismo vigente na época.

As relações homem-mulher fazem parte das relações de gênero. Quando falamos em gênero, estamos falando da construção cultural do que é percebido e pensado como diferença sexual, ou seja, das maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é ser homem e ser mulher, e o que é masculino e feminino. Assim podemos tratar estas noções como conceitos históricos.⁵

Destarte, os conceitos de masculinidade e feminilidade, as oposições binárias “mulher anjo”/“mulher demônio”, os papéis de rainha do lar, serva do lar, mãe zelosa, mulher educada, são ideias e situações inseridas no bojo das transformações urbanas do século XIX na Corte, as quais propiciaram mudanças de valores socioculturais na antiga família patriarcal. São, ainda, conceitos mutáveis e variáveis de acordo com o contexto social.

Nesse sentido, houve um questionamento acerca dos universalismos, do natural, sobretudo da ideia de que o direito à educação seria, preponderantemente, masculino. Foram então destacadas certas diferenças entre os sexos, as quais se pretende estudar e caracterizar como históricas, sociais e culturais.

Tendo, entre as suas preocupações, o cuidado de evitar as oposições binárias e fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas por símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas.⁶

Vale ressaltar ainda que:

As concepções relacionadas à diferença sexual tanto são produto das relações sociais quanto produzem e atuam na construção destas relações. Em outras palavras, assim como as ideias influenciam a vida das pessoas, as experiências e os elementos materiais da existência, por sua vez, influem na constituição do pensamento (moldando as formas de as pessoas interpretarem tudo o que relacionam de algum modo às diferenças sexuais). Gênero, portanto, refere-se tanto as ideias, concepções que têm como referência a diferença sexual (e que servem de base para outras interpretações do mundo), quanto às práticas sociais orientadas por essas ideias.⁷

Assim, este estudo de gênero inicialmente faz uma contextualização do Rio de Janeiro, a imprensa, as mulheres e a família patriarcal. Em seguida, no

segundo capítulo, debate-se a importância da educação feminina na visão positivista da redatora d'O *Jornal das Senhoras* Joana Paula Manso de Noronha e na visão cristã de Violante A. X. Bivar e Velasco, ambas visando à emancipação moral da mulher.

Na sequência, se discute a maternidade como missão sagrada para as redadoras do jornal, embora com pontos de vista diferentes. Por último, o foco recai sobre a importância da imprensa na difusão da moda, cuidado com o corpo e embelezamento da mulher.

A imprensa foi o veículo de divulgação de novas ideias de progresso, tendo em vista, mediante um discurso pedagógico, colocar a nação no rumo do processo civilizador.

O objetivo inicial é discutir as transformações ocorridas no Rio de Janeiro no que diz respeito ao espaço privado e às relações familiares, examinando o movimento de valorização da mulher durante o século XIX.

O crescimento populacional veio acompanhado da necessidade de “civilizar” a capital brasileira, a partir de 1808, com a vinda da família Real. A Corte, capital do Império, em meados do século XIX, período em que se deu o fim do tráfico negreiro, passava por um remodelamento espacial: houve a implantação do sistema de esgotos e da iluminação a gás.

Com isso, surgiram novas formas de sociabilidade para as mulheres e as crianças. As famílias de elite passaram a frequentar o Passeio Público, a Rua do Ouvidor, onde havia confeitarias e lojas elegantes, entre outros espaços da cidade. Nesse contexto nasceu *O Jornal das Senhoras*, primeiro periódico escrito por mulheres, com o intuito de propiciar leituras e levantar questões pertinentes ao universo feminino.

Já na sequência se debate a importância da educação feminina segundo as redadoras e colaboradoras do *Jornal das Senhoras*, mulheres essas que entendiam que a ilustração feminina era fator de progresso social e civilidade no século XIX, durante o Segundo Reinado. O início do capítulo trata da remodelação da Corte durante o século XIX, mostrando que o progresso material devia ser vinculado a um progresso dos costumes e hábitos civilizatórios, incluindo a educação das mulheres de elite.

Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora dos seus deveres, marcará, fundo, indiscutivelmente, no espírito de seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que são esses os elementos do progresso e da paz para as nações.⁸

Também teve-se o intuito de discutir os sentidos da maternidade e sua ligação com a instrução feminina, tendo em vista o progresso social segundo a evolução positivista e o cristianismo.

Finalmente se focalizou a temática dos padrões de beleza feminina vigentes e difundidos durante o século XIX no Brasil Imperial, padrões esses que tiveram n'O *Jornal das Senhoras* um veículo de propagação. Discute-se o uso dos espartilhos e das crinolinas, elementos fundamentais na moda da época, defendidos nos jornais femininos, mas condenados por vários médicos.

A imprensa foi fundamental para a difusão da moda europeia no Brasil Imperial, podendo ser considerada um vetor civilizatório. Assim o periódico se constitui numa importante fonte histórica para analisar as mulheres na Corte Imperial.

Notas

* Doutora em historia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: joelmahist@globo.com

¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979. p.43.

² CHARTIER, 1991. *Apud*: ALVES, Gislene. *Nas Sendas do Progresso: cidade, educação e mulheres (Pindamonhangaba - 1860-1888)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

³ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. 2ª ed. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2000. p.14.

⁴ *Ibidem*, pp.16-7.

⁵ BASSANEZI, Carla. *Virando Páginas, Revendo as Mulheres - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996. p.11.

⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades*. Bauru, São Paulo, Edusc, 2005. p.22.

⁷ BASSANEZI, Carla. *Virando Páginas, Revendo as Mulheres - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996. p.12.

⁸ A MENSAGEIRA. Edição fac-similar. 2 vols. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1897. p.3 – Texto escrito por Júlia Lopes Almeida. *Apud*: BRESCIANI, Maria Stella. *O anjo da casa*. n.º 29. Campinas – SP, IFCH/UNICAMP, 1991. p.40.

Data de envio: 15/10/2012

Data de aceite: 16/11/2012